



O “EU” E O “OUTRO” EM ESTUDOS CULTURAIS NO BRASIL – REFLEXÕES E ESBOÇO DE UMA AGENDA DE PESQUISA

Jorge Tenório Fernandoⁱ

RESUMO – Esse artigo se pauta pelo interesse em investigar algumas relações entre o eu e o outro em distintas manifestações da cultura brasileira, fazendo uso do arcabouço teórico de Edward Said e de outros pensadores, em sua maioria brasileiros. Entende-se que os conceitos elencados por Said – como a dicotomia entre centro e periferia – guardam semelhanças com os demais autores em sua temática e afiliação, e, portanto, podem jogar luz sobre questões relevantes de como ocorre a representação do outro, por meio da arte, em variados segmentos da sociedade brasileira ao longo de sua História.

PALAVRAS-CHAVE – cultura brasileira; dicotomia centro-periferia; representações do outro; Edward Said

Introdução

Esse artigo tem como objetivo investigar algumas relações entre o eu e o outro em distintas manifestações da cultura brasileira, fazendo uso do arcabouço teórico de Edward Said e de outros pensadores, em sua maioria brasileiros. Entende-se que os

ABSTRACT – This article is built upon the interest in investigating some relations between the self and the other in different manifestations of Brazilian culture, using the theoretical framework of Edward Said and other scholars, most of them Brazilians. We advocate that the concepts raised by Said – such as the dichotomy between center and periphery – show similarities with those authors in terms of theme and affiliation, and thereby they can shed light on relevant issues of how the other is represented in through art manifestations in various segments of the Brazilian society across History.

KEYWORDS – Brazilian culture; center-periphery dichotomy; representations of the other; Edward Said.

conceitos elencados por esse autor guardam semelhanças com os demais em sua temática e afiliação, e, portanto, podem jogar luz sobre questões relevantes de como se ocorre a representação do outro, por meio da arte, em variados segmentos da



sociedade brasileira ao longo de sua História.

Sendo assim, primeiramente discorreremos sobre algumas das ideias de Said e de estudiosos que se dedicam à discussão de temas relacionados à cultura; ademais, buscaremos incluir estudiosos brasileiros com afinidade teórica ao pensamento de Said e que trouxeram abordagens relevantes para discussão de problemas do Brasil; em seguida, apresentaremos alguns autores e obras representantes da cultura brasileira, em especial de literatura, os quais poderiam ser analisados por meio da fortuna crítica de Said e dos demais teóricos mencionados; por fim, faremos nossas considerações finais.

Estudos culturais: Edward Said e pensadores afins

Cevasco (2003) advoga a importância dos estudos culturais para uma leitura das contradições da sociedade brasileira, dando voz a personagens marginais e esquecidos e fazendo uso de uma abordagem crítica plural:

Certamente é para críticos politeístas que os estudos culturais interessam como uma forma de ler oposta à dos monoteístas, fixados em uma literatura absoluta, eterna e atemporal e, portanto, dissociada do social. Por esse ângulo, A abordagem multidisciplinar e diversificada da nova disciplina que conta (...) A linha d'água que diferencia os estudos culturais é seu projeto político, seu impulso claro de fazer ligações com a realidade social e diferença na prática cultural. (CEVASCO, 2003, p.174)

Em outro estudo, essa autora chama a atenção para o fato de que as teorias produzidas no centro, quando empregadas para discutir realidades da periferia, muitas vezes acabam por ter suas limitações desveladas no processo. Em suas palavras, “entender as formas como as noções correntes não funcionam no Brasil ajuda a ver o que elas escondem também em seus lugares de origem” (CEVASCO, 2006, p.134). Essa visão subverte a ideia da unilateralidade da crítica brasileira, que tende a tomar emprestado do centro os preceitos teóricos, buscando forçosamente aplicá-los à realidade local, mas não faz o movimento contrário, num processo de mão dupla, como poder-se-ia esperar de qualquer atividade intelectual metodologicamente consistente e bem-fundamentada. Isso é corroborado por Lima (2008, p. 86) quando esse autor defende que “a história de todas as culturas é a história dos empréstimos culturais. As culturas são, portanto, permeáveis”. O conceito da periferia engendrando um papel mais ativo nos estudos culturais também encontra eco em Bortolucci (2009), que advoga que “pensar criticamente a partir da periferia parece significar examinar as várias formas desse pensar eurocêntrico para descobrir que questões ele permite colocar e quais outras ficam excluídas, esquecidas. (BORTOLUCCI, 2009, p.68). Sendo assim, a periferia perderia sua marca de exotismo, sendo entendida e incorporada à análise como parte dos problemas do centro.

Por exemplo, em **Cultura e Imperialismo** (SAID, 1994, p. 256), o autor discute a apropriação, releitura e



transformação do discurso do cânon pelos escritores do Terceiro Mundo na era pós-colonial, em “intervenções que se configuram não apenas como parte integral de um movimento político, mas que guiam também a imaginação e a energia em busca de repensar e ressignificar um terreno comum a brancos e não-brancos”. Em *Orientalismo* (SAID, 2007, p.32), afirma que o conjunto de representações feitas sobre o Oriente não são pura e simplesmente leituras da “periferia” feitas a partir da lógica e dos valores do centro; para esse autor, em nível mais profundo, tais representações engendrariam relações “de poder, de dominação, de graus variados de uma hegemonia complexa”. Em *Reflexões sobre o Exílio* (SAID, 2003^a, p.49), o autor apresenta a dicotomia entre nacionalismo e exílio, na qual os elementos considerados positivos do primeiro – “pertencer a um lugar, a um povo, a uma herança cultural” – se dissolvem quase completamente para quem se encontra na condição de exilado. Ademais, compara o status de expatriado e exilado, estabelecendo um contraponto entre o exercício do exílio por livre escolha e aquele exílio forçado como única possibilidade de sobrevivência. Em *Cultura e Política* (SAID, 2003^b, p.46), por fim, o autor critica a abordagem de Huntington (2003) aos países orientais e ao Islã, a qual reproduz um discurso de ódio que prega o “bem versus o mal” e a “liberdade contra o medo” reduzindo a região a um celeiro de terroristas que nada mais teria a oferecer ao mundo.

Para Aibe (2012) um dos destaques das posições de Said é a que propõe ao

intelectual o papel de evitar tomar uma nação e suas narrativas como entidades fechadas, mas antes como detentores de retóricas construídas e que, portanto, sempre devem ser questionadas em seus pressupostos, caso em que o exílio, quando por livre arbítrio, se converteria em um posto de observação crítica privilegiado para identificar as transformações guardando um distanciamento desejável dos fatos.

O pensamento de Said encontra eco na concepção de pesquisa de Kilduff e Mehra (1997) os quais evidenciam a epistemologia pós-moderna em contraposição aos preceitos modernistas, no que tange ao foco de análise. Para esses autores, a corrente modernista teria como prática analisar preponderantemente os elementos centrais em detrimento dos secundários. Como analogia, esses autores exemplificam o hábito, muito recorrente nos trabalhos de viés quantitativo, de se desprezarem os *outliers* das análises, mantendo-se apenas os elementos constitutivos essenciais. Nesse sentido, os pós-modernos teriam como propósito dar foco principal, enquanto objetos de estudo, ao que poderíamos denominar *outliers* sociais:

Na pesquisa pós-moderna os objetivos são desafiar o conteúdo e a forma dos modelos de conhecimento dominantes e produzir novas formas de conhecimento através da quebra de limites disciplinares e também dando voz àqueles não representados nos discursos dominantes. (...) Coincide com a atenção renovada às vozes do terceiro mundo, das mulheres e das minorias na Academia. O pós-moderno, ao trazer vozes até então



marginalizadas para o escopo de questionamento, amplifica pontos de vista com dificuldade de serem ouvidos. (KILDUFF; MEHRA 1997, p. 457-8).

Essa visão da abordagem de Said é a compartilhada por Lima (2008), para quem, além da erudição e rigor analítico, Said é também um intelectual de coragem ao explicitar em seu pensamento que opta pelo lado oprimido – a periferia – combatendo com veemência certas ações do centro, a despeito de se encontrar justamente nele, questionando “tanto os silêncios impostos quanto as quietudes que se transformam em normas. Carrega consigo a premissa da desmistificação, capaz de gerar instrumentos analíticos de defesa contra a dominação simbólica que se baseia, muitas vezes, na autoridade da ciência”. (LIMA, 2008, p. 92). Esse pensamento é corroborado por Pinto Filho (2005) ao destacar Said como “alguém que levanta publicamente questões embaraçosas, confronta ortodoxias e dogmas, que não pode ser facilmente cooptado por governos e corporações, que represente todas as pessoas e todos os problemas que são jogados para debaixo do tapete. (PINTO FILHO, 2005, p. 379).

Smaili (2015) critica a visão recorrente das distorções, denunciadas por Said, relativas ao Oriente como o lugar do exótico, do extremismo, da “não-civilização”; a despeito de todas as tentativas de se combater essa visão redutora e estereotipada, no mundo ocidental ela parece que só fez aumentar, ancorada na fé muçulmana discriminada como fundamentalista e em quase toda a

região árabe percebida como o inimigo comum que deve ser combatido, mas que sob esse verniz beligerante esconde interesses econômicos conectados às fontes de petróleo. Essa autora sugere (SMAILI, 2015, p.150) que “o entendimento do outro como o eu, dos diferentes como semelhantes e próximos, pode e deve nos remeter à ideia da coexistência, do convívio e do diálogo”. No entanto, entende-se que esse apelo parece estar cada vez mais longe quando se nota um recrudescimento do discurso anti-Oriente, cuja população é vista não só como o outro, mas claramente como o outro indesejável, que deve ser eliminado.

Em suma, ainda que em sua discussão Said tenha como ponto de partida a construção de uma identidade “oriental” forjada por uma lente que contempla valores e interesses do mundo ocidental, sua abordagem permitiria uma leitura crítica das dicotomias da sociedade brasileira, podendo ser empregada de maneira profícua para o entendimento de contradições identificadas em algumas de suas manifestações culturais.

A formação da cultura brasileira – um recorte

Em sua busca de delinear um panorama histórico da formação da cultura brasileira, Candido (1991) destaca três estudos: **Casa Grande e Senzala** (FREYRE, 1999), **Raízes do Brasil** (HOLANDA, 1991) e **Formação do Brasil Contemporâneo** (PRADO JR, 2000). Segundo esse autor, nesses livros se aprendeu a “refletir e a se interessar pelo Brasil”, sendo tais obras consideradas basilares, posto que “parecem exprimir a mentalidade ligada ao sopro de



radicalismo intelectual e análise social”. Contrariamente ao pensamento frequente de alguns autores, como Alcadipani e Crubellate (2007) e Caldas (2009), entende-se que tais textos seminais não perderam sua força explicativa, tendo em vista que as características que elencaram como traços marcantes da sociedade continuam presentes: o passado colonial e escravocrata, a relação entre colonizador e colonizado, o brasileiro “cordial” e avesso a formalismos; o abismo social que separa as classes.

Se hoje tais características adquiriram outra roupagem, também é verdade que sua essência permanece. Essa ideia encontra sustentação nas palavras de Schwarz (2009), para quem “o gosto pela novidade terminológica e doutrinária prevalece sobre o trabalho de conhecimento”, e, como consequência, “teses notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas periodicamente e problemas a muito custo identificados e assumidos ficam sem o desdobramento que lhes poderia corresponder”. (SCHWARZ, 2009, p.110-111)

A esse respeito, Bernardo (2008) traz uma reflexão interessante sobre a questão dos estudos sobre racismo no Brasil, que de certa forma exemplifica e corrobora a visão distorcida da periferia criada pelo centro, inclusive no campo intelectual. Descreve a abordagem relativista da antropologia norte-americana nas décadas de 1940-50 nos estudos sobre o negro brasileiro, a qual acabou por reforçar o mito da democracia racial no país. Para essa autora, o relativismo ocorre devido ao fato de que antropólogos como Herskovits balizavam suas análises

usando como lente a condição dos negros norte-americanos, os quais, naquele período, viviam uma era de segregação institucionalizada – em comparação com a convivência “harmônica” entre negros e brancos no Brasil. Segundo Bernardo (2008, p.44) “em nenhum momento há um olhar interno sobre a situação do negro brasileiro. O olhar era externo: mais do que isso, era do senhor”.

Nota-se, portanto, as contradições recorrentes nos estudos de cultura brasileira desde sua formação, em que se destaca, por vezes, a visão do “outro” como predominante para entender o “eu”, que pesquisadores brasileiros como Candido e Schwarz procuram combater, dando um delineamento teórico às questões locais (periféricas) de forma tal que não impliquem a aplicação direta de ideias oriundas do centro, mas, ao contrário, delas guardam o devido distanciamento crítico.

Literatura brasileira: do centro à periferia

Entende-se que estudos ligados à Semana de Arte Moderna de 1922, em especial sobre a Antropofagia, sejam interessantes para refletir sobre possível esse percurso de mão dupla entre “eu e o outro”, entre “centro e periferia” na apropriação e na construção da cultura brasileira. Mais do que importar e simplesmente replicar as ideias e conceitos do centro, o movimento encabeçado por Oswald de Andrade buscou transformar essas ideias, dando-lhes cor local de forma a que ganhassem novo significado na



periferia. Nessa linha, conforme advoga Chalmers (2002, p.121), “para a Antropofagia do modernista brasileiro, a técnica avançada é uma importação que serve como meio para produzir a significação endógena”; entretanto, se de alguma forma reduz as distancias de pensamento e cumpre seu efeito na periferia, não chega a provocar uma mudança no centro, tendo em vista que “não elimina a marca da diferença do produto, pois o sistema técnico dominante não é gerado pela cultura à margem”.

Um movimento que bebeu na fonte da Antropofagia de Oswald de Andrade foi o Tropicalismo, conforme atesta Veloso (1997, p. 247) ao afirmar que “a ideia no canibalismo cultural servia-nos, aos tropicalistas, como uma luva. Estávamos comendo os Beatles e Jimi Hendrix. Nossas argumentações contra a atitude defensiva dos nacionalistas encontravam aqui uma formulação sucinta e exaustiva”. Esse seria, portanto, uma espécie de continuidade, ou apropriação do legado deixado pelos modernos, quarenta anos depois.

No entanto, cabe ressaltar que, embora esses movimentos tenham trazido à luz sujeitos periféricos do Brasil, a produção ainda havia sido realizada por representantes do centro, ou da elite econômica. Contrariamente a isso, um ícone recente da voz da periferia por ela mesma, na cultura brasileira, é dado pelo fenômeno Racionais MCs. Para D’Andrea (2015) “o rap dos Racionais foi uma das experiências mais bem-sucedidas nas últimas décadas no que tange à busca pela recolocação do conflito na esfera pública”

ao gritar, em um espaço que se estendia para além das favelas, as agruras e sofrimento do outro periférico que até então pareciam passar incólumes ao “eu” do centro. Conforme atesta Oliveira (2018, p.23), referindo-se ao grupo, “sua radicalidade e seu senso de ‘missão’ (...) ajudaram a desenvolver um espaço discursivo em que os cidadãos periféricos puderam se apropriar de sua própria imagem, construindo para si uma voz que, no limite, mudaria a forma de enxergar e vivenciar a pobreza no Brasil”.

Bacega et al (2015) realizaram pesquisa empírica que visava a apreender o sentido de consumo e cidadania por meio de letras de rap. Sua pesquisa, feita com estudantes de universidades privadas paulistas, revelou haver uma percepção do “outro” periférico bastante clara. Os entrevistados demonstraram reconhecer o espaço desse outro como o não-desejado, visto ser entendido como o lugar dos excluídos. O contraste do conteúdo das letras com a realidade dos respondentes levou também a uma reflexão do que seria consumo e do alcance dele para o outro grupo. Ademais, o conceito de cidadania foi definido, ficando patente que para os excluídos seu efeito, caso exista, é restrito, posto que a cidadania está associada a direitos como garantias de atendimento a necessidades, e eles não teriam tais garantias. Como possível extensão do trabalho, entendemos que seria interessante realizar a mesma pesquisa com estudantes não somente de classe média, mas também os oriundos dos bairros periféricos, dando-lhe voz direta para,



assim, auferir suas percepções sobre as mesmas questões.

Cidade de Deus, de Paulo Lins, é um desses exemplos de texto sobre a periferia, construído por gente da periferia. De certa forma, o romance logra romper a barreira que separa “nós” e “eles”, estampando abertamente os problemas que escorçam grande parcela da sociedade. Sobre essa questão, Calligaris (2017), advoga haver dois mundos coexistindo na sociedade brasileira: a) o mundo das elites, contemplando as áreas nobres, condomínios fechados, consumo de produtos e serviços exclusivos e uma identificação com o primeiro mundo; e b) o mundo dos deserdados, contemplando as periferias, as favelas, a ausência de serviços públicos, e uma afiliação peremptória com o terceiro mundo. Nesses dois mundos divididos, a lei adquire o status de privilégio, sendo entendida como lei privada. De modo análogo, Oropeza (2004) descreve a cidade do México dividida em três partes: a cidade turística, mostrada aos estrangeiros e com atenção e cuidados amplos proporcionados pelo estado; a cidade habitada pelos setores médios que não conseguiram emigrar aos condomínios fechados; e a cidade marginal, onde vivem aqueles marcados por condições de pobreza extrema. Assim, as cidades engendram elementos de seleção e exclusão, de visibilidade e invisibilidade, numa compartimentalização demonstrada pelo poder de consumo de seus habitantes, por meio da geografia e ocupação urbana do espaço e do aparato público disponibilizado para tal – ou a falta dele. Para Cevalco (2006, p.138), “ao mostrar que

compartilhamos o mesmo espaço e os mesmos desejos degradados” Cidade de Deus permite sugerir que “se houver uma saída para esta enorme encrência que é viver no Brasil de hoje, essa saída passa pela superação dessa dicotomia de ‘nós e eles’, e pelo esforço de imaginar uma comunidade necessária”.

Na mesma linha de *Cidade de Deus*, o livro de contos *O Sol na cabeça*, de Geovani Martins (2018) apresenta várias histórias que traduzem vivências cotidianas da periferia. Em sua análise de um dos contos do livro, Oliveira e Ferreira (2019) advogam que a diferença se traduz fundamentalmente por meio luta de classes, manifesta na periferia pela pobreza, pela desigualdade, pelo racismo e pela violência, dentre outros efeitos nocivos. Para essas autoras (OLIVEIRA; FERREIRA, 2019, p.48) “não é possível interpretar a diferença apenas pelas perspectivas do sujeito e nem apenas se ater às informações imediatas da realidade social concreta, mas sair em busca dos processos sociais que evidenciem essencialmente as relações sociais”.

Por fim, incluiria para discussão o romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoun (2000). Essa obra engendra variadas possibilidades de abordagem da identidade e da diferença, tratando do exílio de uma das personagens no Líbano, na sua posterior mudança de Manaus (periferia) para São Paulo (centro); do “roubo” da identidade de um dos irmãos por meio do seu passaporte; das relações de poder e na subserviência do indígena; dos conflitos de gênero; dos costumes e relações entre os imigrantes de origem árabe, apenas para mencionar alguns



possíveis caminhos de análise a partir dos conceitos de Edward Said e dos outros pensadores mencionados.

Considerações finais

No âmbito de nossa proposta inicial, apresentamos um esboço do pensamento de Edward Said, complementamos com alguns pensadores teóricos correlatos e incluímos algumas obras de poderiam se beneficiar de tal fortuna crítica para discussão de cultura brasileira. São apenas ideias iniciais, que requerem amadurecimento, um melhor recorte e

então, o devido aprofundamento teórico e metodológico. De todo modo, considerando a pluralidade de temas e a diversidade de caminhos possíveis, o estabelecimento de um grupo de pesquisa e a convergência de afinidades temáticas ajudaria a moldar a construção de um projeto robusto para desdobramento em investigações em níveis distintos, ou seja, tanto na graduação, com trabalhos de iniciação científica, quanto na pós-graduação, mediante desenvolvimento de dissertações e teses.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIBE, M. S. A figura do intelectual exilado em Edward Said. **Estação Literária**, v10A, p. 66-76, dez. 2012.
- ALCADIPANI, R.; CRUBELATTE, J. The notion of Brazilian organizational culture: questionable generalizations and vague concepts. **Critical perspectives on international business**, v. 3, n. 2, p. 150-169, 2007.
- ANDRADE, O. O manifesto antropófago. In: TELES, G. M. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro**. Petrópolis, Vozes; Brasília, INL, 1976.
- BACCEGA, M.A.; BUDAG, F. E.; MARCELINO, R.M.A.; ABRÃO, M.A.P. Consumo e cidadania: em perspectiva a recepção do rap da periferia paulistana. **Comunicação & Educação**, v. 20, n. 2, p. 47-55, 2015.
- BERNARDO, T. Nem tudo é relativo. In: BERNARDO, T.; CLEMENTE, C.C. (Org.) **Diásporas, redes e guetos**. São Paulo, EDUC, 2008.
- BORTOLUCI, J. H. Para além das múltiplas modernidades: eurocentrismo, modernidade e as sociedades periféricas. **Plural**, v. 16, n. 1, p. 53-80, 2009.
- CALDAS, M. P. Culturas brasileiras: entendendo perfis culturais no plural e em mutação. In: BARBOSA, L. **Cultura e diferença nas organizações: reflexões sobre nós e os outros**. São Paulo: Atlas, 2009, p.53-86.
- CALLIGARIS, C. **Hello, Brasil! e outros ensaios**: psicanálise da estranha civilização brasileira. São Paulo: Três Estrelas, 2017.
- CANDIDO, A. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: José Olympio, 1991.
- CEVASCO, M.E. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo, Boitempo, 2003.
- _____. Hibridismo cultural e globalização. **ArtCultura**, v. 8, n. 12, p. 131-138, 2006.
- CHALMERS, V. M. O outro é um: o diagnóstico antropófago da cultura brasileira. In LEITE, L. C. M.; BRESCIANI, M. S. M. **Literatura e cultura no Brasil**: identidades e fronteiras. São Paulo: Cortez, p. 107-123, 2002.
- FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: José Olympio, 1991.



- HUNTINGTON, S. P. **The clash of civilizations and the remaking of world order**. Nova York, Simon & Schuster, 2003.
- KILDUFF, M.; MEHRA, A. Postmodernism and organizational research. **Academy of Management Review**, v.22, n.2, p.453-81, 1997.
- LIMA, M.C. O humanismo crítico de Edward W. Said. **Lua Nova**, v. 73, p.71-94, 2008.
- LINS, P. **Cidade de Deus**. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.
- MARTINS, G. **O sol na cabeça: contos**. São Paulo, Companhia das Letras, 2018.
- OLIVEIRA, A.S. O evangelho marginal dos Racionais MC's. In **RACIONAIS MC's Sobrevivendo no inferno**. São Paulo, Companhia das Letras, 2018.
- OLIVEIRA, I.V.; FERREIRA, M.J.L. Educação e diferença em tempos de incertezas. **PLURAIS – Revista Multidisciplinar**, v. 4, n. 1, p. 45-64, 2019.
- OROPEZA, M. Un barrio a la carta - un ensayo sobre estilos de vida y ciudad. **Estudios sociológicos**, Vol. 22, No. 66, p. 701, 2004.
- PINTO FILHO, A. Edward W. Said: um intelectual que desconfiava dos “deuses”. **Projeto História**, v. 30, n. 1, 2005.
- PRADO JR, C. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- SAID, E.W. **Culture and imperialism**. Londres, Vintage, 1994.
- _____. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003a.
- _____. **Cultura e política**. São Paulo, Boitempo, 2003b.
- _____. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- SMAILI, S.S. Migrantes, pós-colonialismo e fundamentalismo: enlaces entre Oriente e Ocidente e a questão do Islã. **Psicologia USP**, v. 26, n. 2, p. 145-151, 2015.
- SCHWARZ, R. Nacional por subtração. In: **Cultura e política**. São Paulo, Paz e Terra, p.109-136, 2009.
- VELOSO, C. **Verdade tropical**. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

ⁱ Doutor em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Mestre em Administração pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e Bacharel e Licenciado em Letras pela Universidade de São Paulo. Professor na FATEC Guarulhos, Itaquaquecetuba e Santana de Parnaíba. Interesses de pesquisa incluem: estudos críticos em Administração, teoria neo-institucional e estudos interculturais. E-mail: jtfernando@uol.com.br